



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS IV/JACOBINA**  
**PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO – REDE UNEB 2000**  
**NÚCLEO VÁRZEA DA ROÇA - BAHIA**

199

**CLEONEIDE OLIVEIRA LIMA**  
**DIRLEI SANTOS DE ALMEIDA**  
**MARGARIDA OLIVEIRA DA CUNHA DA SILVA**  
**VALDIRENE RODRIGUES DA SILVA**

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA PARA A APRENDIZAGEM DE CONTEÚDO**

**VÁRZEA DA ROÇA**  
**2008**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS IV/JACOBINA  
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO – REDE UNEB 2000  
NÚCLEO VÁRZEA DA ROÇA - BAHIA**

**CLEONEIDE OLIVEIRA LIMA  
DIRLEI SANTOS DE ALMEIDA  
MARGARIDA OLIVEIRA DA CUNHA DA SILVA  
VALDIRENE RODRIGUES DA SILVA**

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA PARA A APRENDIZAGEM DE CONTEÚDO**

**Monografia para obtenção de grau do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia**

**Várzea da Roça – Bahia, janeiro de 2008.**

**Banca examinadora**

**Prof. Orientador Ms. José Alfredo de Araújo**

**Instituição – Universidade do Estado da Bahia - UNEB**

**Prof. \_\_\_\_\_**

**Instituição \_\_\_\_\_**

**Prof. \_\_\_\_\_**

**Instituição \_\_\_\_\_**

**CLEONEIDE OLIVEIRA LIMA  
DIRLEI SANTOS DE ALMEIDA  
MARGARIDA OLIVEIRA DA CUNHA DA SILVA  
VALDIRENE RODRIGUES DA SILVA**

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA PARA A APRENDIZAGEM DE CONTEÚDO**

**Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pelo programa de formação de professores do estado – Rede UNEB 2000 - núcleo Várzea da Roça.**

**Orientador: prof. Ms. José Alfredo de Araújo**

**VÁRZEA DA ROÇA  
2008**

A todas as pessoas incumbidas da magnífica  
função de educar e que a realiza com responsabilidade.

## **Agradecimentos**

A Deus por ter nos dado força e sabedoria para a realização dessa obra e aos nossos familiares que tanto nos compreenderam e nos apoiaram durante todo o curso e, de modo especial, nesta etapa final.

A todos os nossos mediadores, desde a Educação Infantil até o término desse curso.

Ao Ms. Alfredo Araújo que com tanta paciência, dedicação e compreensão nos auxiliou na construção de cada passo dessa pesquisa, inclusive indicando e fornecendo preciosas bibliografias.

A Ângela Deiró, Diretora da Biblioteca Anísio Teixeira, que tão gentilmente nos acolheu em nossa fase de pesquisa bibliográfica e nos emprestou livros úteis ao trabalho.

Ao Sicoob Sertão e a Câmara de Vereadores de Várzea da Roça, que nos ajudou financeiramente e a Genivaldo Barros que, além de nos ajudar financeiramente, contribuiu com a viabilização deste trabalho.

À comunidade escolar da escola Municipal Odilon Sena Cerqueira que nos apoiou e possibilitou a concretização deste estudo. Muito obrigado ao Diretor, o professor Cleidinaldo Nascimento Rios; a Coordenadora pedagógica a professora Cecília Bastos; as professoras das séries em amostra: Magnólia Almeida de Oliveira Rios 1ª série, Tereza de Lourdes 2ª série, Margarida Cunha 3ª série e Marília Oliveira 4ª série. Somos gratas também aos 24 alunos selecionados, bem como às suas famílias.

“Você nunca havia pensado nisso, a relação entre a sua casa e a inteligência, a sua inteligência e a inteligência dos seus filhos. Sua casa pode ser emburrecedora. Ou pode ser um espaço fascinante onde os camundongos do prof. Tsien repentinamente ficam inteligentes...”

Rubem Alves

## RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com 24 alunos que cursam o Ensino Fundamental Menor, na Escola municipal Odilon Sena Cerqueira, situada na cidade de Várzea da Roça – BA, com intuito de averiguar se fatores externos que influenciam na educação escolar de uma criança e se o meio em que ela convive, principalmente o ambiente familiar, está contribuindo com os maus e com os bons resultados que essas crianças estão alcançando e para isto elegemos como nosso marco teórico alguns autores e, entre eles, Jean Piaget, Paulo Freire, Maria Luiza Munhoz e Vigotsky. A metodologia adotada foi a qualitativa, voltada para coleta e análise dos dados na área das ciências humanas, mais especificamente, na educação.

**Palavras-chave:** Família - Influência - Aprendizagem - Conteúdo

## **SUMMARY**

This research was accomplished with 24 students that study the Smaller Fundamental Teaching, in the municipal School Odilon Sena Cerqueira, located in the city of Meadow of the Country - NANNY, with intention of discovering if you factor external that you/they influence in a child's school education and if the middle in that she lives together, mainly the family atmosphere, it is contributing with the bad and with the good results that those children are reaching and for this we chose as our theoretical mark some authors and, among them, Jean Piaget, Paulo Freire, Maria Luiza Munhoz and Vigotsky. The adopted methodology was the qualitative, gone back to collection and analyze of the date in the area of the humanities, more specifically, in the education.

Word-key: Family - Influence - Learning - Content

## **Lista de figuras**

**Figura 01** - A Escola Municipal Odilon Sena Cerqueira, onde a pesquisa foi realizada (p. 30).

**Figura 02** - Mãe de crianças FA, contando histórias para os filhos (p. 50).

**Figuras 03** - Pais investem em recursos tecnológicos para auxiliar as pesquisas escolares de aluno FA (p. 51).

**Figura 04** - Aluno FA, em casa, lendo histórias infantis (p. 52).

**Figura 05** - Aluno DA em atividade que toma boa parte do tempo que deveria ser dedicado aos estudos (p. 54).

**Figura 06** - Crianças DA trabalhando em propriedade rural para ajudar no sustento da família (p. 55).

**Figura 07** - Criança FA, juntamente com as irmãs, participando de um Projeto Social (p. 56).

**Figura 08** - Criança FA, na praia, brincando em família (p. 57).

## **Lista de abreviaturas**

**LDB** - Lei de Diretrizes e Base

**PCN** - Parâmetros Curriculares Nacionais

**PETI** - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO .....	12
CAPITULO I	
Fundamentos Teóricos .....	15
Metodologia .....	24
CAPITULO II	
Histórico da escola pesquisada .....	30
A família .....	31
A escola .....	33
Indisciplina .....	42
Conteúdo .....	44
CAPITULO III	
Análise dos Dados .....	48
Considerações finais .....	58
Referências .....	60
Anexos.....	63

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada por quatro professoras, da rede municipal de ensino da cidade de várzea da Roça.

Por sermos educadoras há alguns anos e por trabalharmos com vários tipos de realidade é que fomos despertadas a pesquisar tal tema, pois temos o mesmo compromisso em todas as escolas que atuamos e com todos os alunos que já tivemos a graça de orientar e percebemos resultados tão diferentes em relação à aprendizagem dos conteúdos que trabalhamos. Tal discrepância nos instigou a verificar se a família e o meio em que “nossas” crianças estão enseridas, os valores e a cultura que cada estudante adquire antes de adentrar na escola são fatores relevantes que podem causar tamanho desnível e influenciar tão fortemente no nosso trabalho.

O nosso intuito é descobrir se há relação entre formação familiar e aprendizagem escolar para que, conhecendo o grau de influência, possamos redimensionar a nossa prática, levando em conta os fatores influentes, para obtermos resultados mais satisfatórios.

Desejamos também que esse trabalho seja conhecido por pais, profissionais da área de educação, administradores e todos que se interessem por esta abordagem para que possamos educar com mais qualidade e mais objetividade em prol de uma sociedade menos excludente e mais igualitária e estamos certas que a educação é a única oportunidade de ascensão disponível para quase todos os nossos alunos.

A família tem grande importância no desenvolvimento geral dos indivíduos. Até atribuiu-se a ela, durante muitos séculos, a plena formação de seus membros. Embora haja exceções, os traços de caráter tendem a ser transmitidos através das gerações e a família equilibrada influencia para o equilíbrio do aluno assim como a “desequilibrada” também pode influenciar para o desequilíbrio.

Sentindo a necessidade de se tratar de áreas específicas do conhecimento, organizou-se a escola, só que esta função vem se modificando e a sociedade tem cobrado desta instituição atitudes formativas que na verdade é papel da família.

A escola vem reformulando o seu objetivo inicial com o intuito de suprir as carências emergentes em vários âmbitos e às vezes, pelos muitos caminhos que tem a

trilhar, acaba perdendo de vista o seu verdadeiro objetivo. A escola foi fundada para auxiliar a família e não para substituí-la.

É preciso elos de ligação, ao invés de apontar culpados. Há urgência para definição de tarefas. A família precisa se conscientizar de que é sua a obrigação maior e que a escola apenas complementa a formação, juntamente com diversos outros segmentos da sociedade. Uma vez que cada função esteja definida, as alianças surgirão naturalmente.

Firmadas essas alianças, problemas podem ser detectados e até solucionados. Quando há interação entre família e escola uma série de fatores se dá a conhecer e a discussão sobre a mesma auxilia a prática pedagógica. É de suma importância conhecer não só a criança, mas também o que a cerca (o que pode ser conhecido).

Na sala de aula encontramos pessoas com diferentes níveis de formação. Crianças na mesma faixa etária apresentam diferentes reações diante de uma determinada situação. O grau de aprendizagem também é bastante diferenciado. Entendendo que cada pessoa apresenta peculiaridades e compreendendo também que há diferenças natas, voltamos a nossa pesquisa para a investigação de até quando as reações são naturais ou fruto da convivência familiar. Essa é a nossa inquietação: qual a influência da família na aprendizagem de conceitos, atitudes e procedimentos dos seus membros?

Percebendo que o conhecimento familiar e sócio-cultural dos nossos alunos nos ajuda na relação com os mesmos, sentimos a necessidade de maior aprofundamento nessas áreas para entendermos se a relação com o meio, mais especificamente com a família, influencia no desempenho escolar deles. Já sabemos que a integração da escola com a família é importante; o que desejamos é a partir dessa relação, descobrir o grau de influência que a família exerce no rendimento escolar.

Este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro apresenta uma breve discussão teórica a partir de autores nos quais fundamentamos nossa pesquisa e suas idéias referentes ao nosso tema, bem como a metodologia escolhida para a execução desse estudo; o segundo faz uma abordagem sobre o processo histórico vivido pela

família e pela escola e discute, à luz de alguns teóricos, conceitos como aprendizagem, indisciplina, conteúdo, estímulo e influência oriundos da família etc. e o terceiro traz a análise dos dados colhidos na pesquisa e as considerações finais das autoras.

Todas essas partes se somam formando um valioso conjunto que enriquece o rol de estudos realizados nessa área e contribui positivamente com a prática pedagógica.

# CAPÍTULO I

## FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A família é o berço da educação. É nela que se aprende os primeiros passos para uma série de trilhas. A contribuição familiar para os seus membros vem desde a genética, passa pelo ambiente oferecido e se estende até as instruções diretas e indiretas na dinâmica social que são dadas com o objetivo de, juntamente com outros setores, construir a identidade de cada sujeito. A família começa formando sozinha e logo após acontecem as inferências do meio com o qual a criança passa a ter contato de acordo ao seu desenvolvimento.

Segundo (KALOUSTIAN, 1988) a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal; é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que são construídas as marcas entre as gerações e são observados os valores culturais.

Geralmente a escola se faz presente na vida das crianças ainda nos anos iniciais e o seu papel é de complementar a educação já em processo de desenvolvimento. Independente da formação ou da condição, toda família ensina, mesmo que os efeitos sejam negativos. Para Pinto (1998, p. 30)

A escola surgiu para responder as necessidades sociais de preparo do indivíduo para a vida pública. A família ficou apenas com a formação moral de seus filhos. Hoje, a escola ocupa grande parte da vida de seus alunos. Ensina técnicas valores e ideais, ou seja, vem cada vez mais substituindo as famílias na orientação para a vida como um todo. A escola está para esta tarefa?.

Segundo Pinto, a escola eficaz não deve se preocupar em substituir a família, e sim em fazer parceria. A escola eficiente deve sempre ter em vista ensinar,

instruir, construir e disciplinar, mas não sozinha. Esta é uma tarefa da sociedade em geral. A família, primeiramente, e logo após a escola, são dois dos principais agentes formadores.

A educação não pode ser reduzida aos métodos que a escola utiliza para alfabetizar e informar. Educar diz respeito à existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos. É um processo da história individual e da história da comunidade onde vive o indivíduo. A educação é um fato existencial, pois se refere ao modo como por si mesmo e pelas ações exteriores que sofre, o homem se faz homem. Podemos dizer que a educação é o processo pelo qual o homem aprimora sua essência.

A verdadeira educação não pode objetivar somente a uniformidade, mas valorizar as diversidades, utilizando-as como ponto de partida para o crescimento do indivíduo e da sociedade e por isso a educação pode ser definida como um processo econômico, histórico, um fato existencial, social e cultural.

A aprendizagem se dá na acomodação feita pelo sujeito após sua interação com o meio. Segundo Demo (1993, p. 40)

No caso da didática "aprender a aprender", trata-se menos de produtos a serem dominados, do que de metodologia emancipatória, traduzida em competências e habilidades. A pessoa torna-se capaz de saber pensar, de avaliar processos, de criticar e criar. Chamava-se formação básica o processo continuado e sempre atualizado de cultivo deste tipo de competência, essencialmente fundamentado no saber pensar, interpretar a realidade crítica e criativamente e nela intervir como fator de mudança histórica .

São vários os conceitos que definem aprendizagem, devido à complexidade do tema e aos diversos posicionamentos científicos, mas uma coisa é certa: toda aprendizagem produz mudanças na esfera do comportamento, das atitudes, dos valores ou das competências.

A aprendizagem dá estrutura ao comportamento e permite que o sujeito aja sobre o meio ou sobre suas representações.

Ao contrário da persuasão, que é intencional, a influência é algo que pode acontecer sem a intenção. A influência pode se dá naturalmente sem que haja uma

preparação objetiva para tal fim. Como diz Cool e Valls (2000, p. 153) "(...) podemos influenciar uma pessoa, embora não seja essa a nossa intenção. Mas nunca haverá uma tentativa de persuadir alguém que não seja intencional".

Esta pesquisa fundamenta-se, teoricamente, em alguns dos importantes autores brasileiros e mundiais que estivemos conhecendo suas obras e pensamentos durante todo o nosso curso, de forma mais intensiva neste período, e percebemos a relevância de suas obras para a educação como um todo e também para a nossa prática aqui neste município.

Paulo Freire, grande educador nordestino, que teve suas idéias espalhadas e aceitas em quase todas as partes do Brasil e em vários outros países, em seu livro "A importância do Ato de Ler", relata de forma transparente, a contribuição que o contexto tem na educação dos indivíduos e até sugere que a alfabetização possa partir de palavras já conhecidas pelo educando, tanto na pronúncia, como no significado. Segundo este autor, as marcas da infância, da casa onde foi criado, influenciam até o dado momento, inclusive na elaboração da referida obra. Para Freire (2006, p. 11) "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele". Segundo ele, o conhecimento de mundo é algo natural na vida das pessoas e esse conhecimento, juntamente com as relações que se estabelece entre indivíduos e contexto, é importante na busca de aquisições futuras. Ao palestrar, que depois veio a se constituir livro, Paulo Freire testemunhava que em sua vida foi assim. Ele cita pequenos detalhes de sua família, sua casa, de sua rua, das plantas, de animais, frutos etc. que marcaram sua infância e reconhece a importância de todos eles na formação do cidadão que ele é (FREIRE, 2006, p.12).

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores.

Ainda conforme este renomado autor, as nossas percepções têm profunda relação com o nosso grau de envolvimento em situações que possibilitam

aprendizagem, independente dessas situações serem oferecidas ou não pela escola (FREIRE, 2006, p.12).

(...) Os “textos”, as “palavras” as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

Neste depoimento, percebemos o importante papel da família, das relações entre pais e filhos, entre irmãos e até mesmo entre o indivíduo e o contexto físico e social em que ele convive, para a formação da base que pode sustentar grandes e significativas construções. Paulo Freire é um autor preocupado não somente com a aquisição dos mecanismos de codificação e decodificação, mas sua preocupação vai além. Ele está sempre voltado para a leitura em sentido pleno, que deve vir acompanhada por ações coerentes com o bem-estar social. Em todas as suas obras – e aqui podemos citar, dentre tantas, a Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia da Autonomia – há uma preocupação em tornar os cidadãos livres das opressões causadas pelos sistemas existentes e ele acredita que essa autonomia só pode acontecer através de uma educação baseada em princípios éticos e libertadores. Segundo ele (FREIRE, 2002, p110) “(...) a educação é uma forma de intervenção no mundo”. O conhecimento da forma de vida do educando é de fundamental importância para a prática pedagógica. Conhecer a realidade da turma e do aluno abre portas para a busca de práticas adequadas e diminui o risco de práticas insignificantes. Paulo Freire traz um importante questionamento aos educadores. (FREIRE, 2002, p154) “Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social dos educandos?” Ainda falando sobre a importância desse saber, o saber a realidade do seu aluno, ele salienta que: (FREIRE, 2002, p155).

A formação dos professores e das professoras deveria insistir na constituição deste saber necessário e que me faz certo desta coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos. E ao saber teórico desta influência teríamos que juntar o saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores trabalham. Já sei, não há dúvida, que

as condições materiais em que e sob que vivem os educandos lhes condicionam a compreensão do próprio mundo, sua capacidade de aprender, de responder aos desafios (...).

Apesar de não ser irreversível, e é, a depender da sábia prática do professor, Paulo Freire reconhece a influência que o meio pode exercer sobre o educando. Reconhece também a importância do professor conhecer este meio, seja ele qual for, para que, a partir deste conhecimento, possa estar elaborando aulas mais eficientes e capazes de gerar aprendizagem.

No cenário internacional, nos apegamos às teorias de dois grandes escritores: Vygotsky, com a sua defesa de que o homem não é nem inato e nem empirista, e sim sócio-interacionista; e Piaget, que dedicou parte de sua vida à pesquisa, observação e análise do comportamento humano, mais especificamente, do desenvolvimento infantil. Também observamos as teorias de Teresa Cristina Rego, que escreve sobre as principais idéias de Vygotsky: o homem, ao contrário dos outros animais, é muito mais social, cultural e histórico do que biológico e, em nome de seus princípios e valores, é capaz de negar sua natureza física e seus desejos natos, em prol de conceitos adquiridos ao longo de sua formação.

O ser humano é capaz de observar e absorver o que está ao seu redor, interagir com as situações em que está submetido e, a partir delas, construir novos significados que poderão determinar suas ações futuras. Na relação do homem com o meio ele tanto adquire experiências e conquista aprendizagens como também deixa suas marcas no contexto social. Ele não só é transformado como também é capaz de transformar. (REGO, 1995, p. 47).

Diferente do animal, o ser humano não se orienta pela impressão imediata e pela experiência anterior, pois pode abstrair, fazer relações, reconhecer as causas e fazer previsões sobre os acontecimentos, e depois de refletir e interpretar, tomar decisões.

Ainda segundo Rego (1995, p. 48), "(...) diferente do homem, o animal não transmite a sua experiência, não assimila a experiência alheia, nem tampouco é capaz de transmitir (ou aprender) a experiência das gerações anteriores".

Essa declaração reafirma a teoria de Vygotsky, que diz que o homem é social, e traz relevância à nossa pesquisa que investiga as possíveis contribuições da família para a aprendizagem dos conteúdos escolares por parte dos seus membros.

Vygotsky dá total atenção ao processo de aquisição da linguagem, bem como sua função para o desenvolvimento do indivíduo. É através da linguagem que o ser humano consegue caracterizar objetos ou situações mesmo na ausência desses e, segundo ele, a simbologia possibilitada pelo uso das palavras e de todos os signos que constituem a linguagem, coopera com o funcionamento mental dos humanos, tornando-os, mais uma vez, diferentes dos demais animais. "(...) Vygotsky afirma que os processos de funcionamento mental do homem são fornecidos pela cultura, através da mediação simbólica". (REGO, 1995, p. 55)

Na perspectiva vygotskiana (REGO, 1995, p. 62) "Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais". E esta perspectiva demonstra quão importante na aquisição futura de aprendizagem é a aquisição presente. Se todos os contextos sociais são importantes para o desenvolvimento da inteligência do indivíduo, a família, como o primeiro desses meios, tem seu destaque e relevância. É no seio familiar, quase que sem contatos exteriores, que a criança começa a adquirir os seus signos lingüísticos, tão importantes para o desenvolvimento nesta fase e em todas as outras vindouras.

É ainda de Vygotsky o estudo sobre as zonas de desenvolvimento presentes nas crianças. Este professor e pesquisador viveu na Rússia e, apesar de morrer antes de completar quatro décadas de existência, deixou grande contribuição para a área da educação. Contribuições estas que têm sua importância até os dias atuais. Ele pesquisou dois níveis de desenvolvimento infantil, o que chamou de Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Na Zona de Desenvolvimento Real a criança demonstra aquilo que ela já adquiriu, o que é capaz de fazer sozinha. Esta zona servirá de pressuposto para a aquisição de outras aprendizagens, as que estão na Zona de Desenvolvimento Potencial, ou Proximal. Nesta última, a depender do contato com o objeto e das mediações adequadas, a criança pode aprender coisas novas, o que ainda não estava

ao seu alcance. Daí a importância de tanto a família quanto a escola oportunizarem à criança o desenvolvimento de suas potencialidades para que ela possa desenvolver, de forma adequada, sua inteligência. O desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização social, com materiais fornecidos pela cultura, sendo que esse processo se constrói de fora para dentro.

Ao observar a Zona Proximal, o educador pode orientar o aprendizado no sentido de orientar o Desenvolvimento Potencial de uma criança, tornando real. Nesse ínterim, o ensino deve passar do grupo para o indivíduo. Em outras palavras, o ambiente influenciaria a internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de modo que o aprendizado gera o desenvolvimento.

De acordo com tal declaração, quanto mais desenvolvimento real a criança tiver adquirido e quanto mais ela for estimulada em sua Zona de Desenvolvimento Proximal, maiores chances de aprendizagem ela terá. Daí mais uma vez a importância da família nesta interação informal, como base para a educação escolar, que virá posteriormente de forma sistematizada.

A teoria Vygotskiana, desde que surgiu, vem contribuindo para o desempenho da função de educar e, em tempos modernos, tem, assim como tantas outras, se inserido na psicologia, trazendo todo um enfoque para que a infância seja mais compreendida. "(...) graças à teoria de Vygotsky introduziu-se na psicologia contemporânea, de modo direto ou indireto, todo um conjunto de novos problemas de investigação empírica que se revestem da maior importância para a educação".

O outro teórico internacional, Piaget, nasceu na Suíça, no mesmo ano em que Vygotsky nasceu. Suas teorias são contemporâneas e apesar de se divergirem em alguns detalhes, ambas são interacionistas. A diferença é que Vygotsky enfoca a interação com o meio, é social, e Piaget enfoca a interação com os objetos, em relações de acordo com o grau de maturação, é mais biológico; mas os dois admitem a importância da interação no processo de aprendizagem e tanto as teorias de Vygotsky quanto as de Jean Piaget são fundamentais para o nosso trabalho e são fontes de apoio para nossa pesquisa.

Piaget desmistificou a teoria pregada até o início do século XX, quando se acreditava que os processos mentais das crianças e dos adultos eram os mesmos,

mudava apenas o grau, pelo fato dos tamanhos serem diferentes. Ao observar o desenvolvimento cognitivo dos seus três filhos, este suíço trouxe contribuições importantes para pais e educadores pois classificou o desenvolvimento em fases e, segundo ele, a maturação psicológica, apesar de haver exceções, acompanha a maturação etária.

Para Piaget, o desenvolvimento é influenciado por quatro fatores básicos: maturação biológica; exercitação de esquemas que formem hábitos; aprendizagem social através da aquisição de linguagem, valores, padrões culturais etc. e equilíbrio, que busca reequilíbrio após todos os desequilíbrios sofridos.

Baseado no exposto (ZACARIAS, 2007, p.03) “A escola deve partir dos esquemas de assimilação da criança, propondo atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilibrações sucessivas, promovendo a descoberta e a construção do conhecimento”.

Mais uma vez se dá a importância dos primeiros contatos da criança que, na maioria das vezes, acontece no ambiente familiar, pois a assimilação dos conhecimentos promovidos pela escola dependerá em grande parte das assimilações anteriores à escola. É certo que o ambiente escolar pode e deve transformar realidades desfavoráveis à aprendizagem, mas, se a situação inicial for adequada, facilitará em muito a conquista e a promoção de novos conceitos.

Jean Piaget muito falou sobre o processo de aquisição da autonomia por parte da criança e define (PIAGET, 1993, p.173) “autonomia como a capacidade de coordenação de diferentes perspectivas sociais com o pressuposto do respeito recíproco”. Segundo ele, no início, a criança é egocêntrica, não enxerga o próximo, quer tudo para si. Com o desenvolvimento e quando as ações tornam-se mais complexas, ela passa a perceber apenas as regras centradas no outro, interessa apenas o exterior. A aquisição da autonomia se dá justamente quando a criança consegue equilibrar e entender o eu e o próximo. (ZACARIAS, 2007, p. 05) “(...) não é possível uma autonomia intelectual sem uma autonomia moral, pois, ambas se sustentam no respeito mútuo, o qual, por sua vez, se sustenta no respeito a si próprio e no reconhecimento do outro como ele mesmo”.

Grande colaboradora com o nosso trabalho é Maria Luiza Munhoz, psicopedagoga preocupada com problemas de aprendizagem que diz (MUNHOZ, 2001, p. 8) “Se quisermos conhecer o sujeito que aprende, temos que compreender em que contexto a aprendizagem acontece”.

Mais uma vez é reafirmada a teoria vygotskiana que vê o homem à luz de seus relacionamentos e suas experiências.

Segundo a autora, a educação deve acontecer, desde o princípio, de forma libertadora, buscando conceder oportunidades onde a autonomia seja criada e desenvolvida ainda dentro da família, para que seus entes possam prosperar nos demais tipos de aprendizagem. (Munhoz, 2001, p. 15) “Quando é dado a cada membro o poder de escolha, de decisão e oportunidade de crescimento, então o pensar se torna mais crítico e criativo”.

Com sua vasta experiência em terapias na área psicopedagógica e também por participar de congressos com outros profissionais da área, Maria Luiza (Munhoz, 2001, p. 21) afirma que “os terapeutas familiares reconhecem a atração que o passado exerce sobre nós, e o fato de que, de algum modo, as pessoas vivem à sombra da família a qual pertenceram”. E ela também afirma que “É no seio da unidade familiar, não necessariamente consangüínea, que o indivíduo estabelece suas primeiras relações, e seu comportamento posterior traz selo desse seu primeiro grupo”. (Munhoz, 2001, p.28)

São notórias as modificações que a sociedade atravessa no sentido de facilitar o convívio e trazer alternativas de vida que possibilitem maior conforto e satisfação pessoal, mas também é notório que tais mudanças, em alguns casos, trazem malefícios irreparáveis para os indivíduos e para os grupos sociais. Além das agressões que o progresso irresponsável tem causado ao meio ambiente, a busca incessante pela melhoria de vida, tem causado danos à espécie humana apesar de parecer contraditório, e toda essa turbulência, certamente, reflete na família e, conseqüentemente, alcança a escola. (Munhoz , 2001, p.30) diz que:

“Trata-se de conceber a dificuldade de aprendizagem da criança não como um fenômeno circunscrito ao individual, mas torna-se necessário (...) investigar a família (estrutura e funcionamento) em um contexto histórico e social de um determinado modelo de sociedade”

E ela ainda diz que (Munhoz, 2001, p. 20) “Os sintomas refletem uma tentativa do organismo ou sistema de curar-se e de alcançar um novo nível de organização”.

Por serem abrangentes, os problemas de aprendizagem requerem muita atenção e, na maioria dos casos, não são tão simples para serem solucionados. Os professores e demais profissionais da área de educação precisam se revestir de conhecimentos para que possam auxiliar melhor os alunos com os quais trabalham. Muitas vezes se culpa a criança em si ou a metodologia aplicada, mas esta última só pode ser reorganizada eficazmente se a causa da falta de aprendizagem significativa for conhecida. Maria Luiza (2001, p. 33) diz que “Certamente os problemas que envolvem a aprendizagem são bastante complexos, pois contemplam aspectos cognitivos, afetivos e sociais (...)”.

Segundo Munhoz, de acordo com sua larga experiência como psicopedagoga “Difícilmente uma família se preocupa em pensar, discutir ou compreender como ocorre a aprendizagem dos seus membros” (2001, p. 18) e principalmente as famílias das nossas crianças, que compõem um grupo de pessoas marginalizadas socialmente, com poucas oportunidades de sobrevivência, que se alimentam muito mal, com significativa parte analfabeta e portadora de problemas de saúde, sem ter meios fixos de conseguir o sustento. Se tais famílias não podem ajudar seus membros quando os mesmos apresentam problemas na aprendizagem, cabe a nós, educador, intervirmos nesta realidade. (MUNHOZ, 2001, p. 50) De acordo com a autora “A responsabilidade da educação e formação dos filhos é dos pais e não é delegável. São eles que devem decidir quanto às linhas educativas e valores que desejam transmitir aos seus filhos” e cabe à escola conhecer essas linhas e esses valores para auxiliar no desempenho da aquisição da aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa de ordem qualitativa, que tem como objetivo verificar uma situação inserida num contexto social e por isso baseia-se nas ciências humanas.

Por se tratar de uma pesquisa social, ela visa a qualidade e não a quantidade. Não há uma preocupação numérica, nem se quer mensurar algo; deseja-se apenas analisar, baseado em dados concretos, aspectos que têm contribuído ou prejudicado a prática pedagógica, no intuito de melhorá-la. Segundo Minayo (1993, p. 12)

Poderíamos dizer, nesse sentido, que o labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas.

O nosso objetivo em fazer ciência difere em muito do método científico positivista, que coloca o objeto a ser pesquisado acima de tudo e não leva em consideração os fatores que o rodeiam. A ciência Moderna era altamente rigorosa e não estabelecia relações com a vida, preocupava-se tão somente com fatores externos. Percebendo que o homem é um ser social e que é certo o seu envolvimento com o meio em uma relação de troca, alguns cientistas modernos começaram a questionar a maneira positivista de se fazer ciência e hoje temos pesquisas não só quantitativas, mas também qualitativas, como é o caso desta. Macedo (2000, p.37)

O cultivo a neutralidade, ao distanciamento no processo de conhecer, a busca de regularidades e leis extraídas da realidade: o gosto pelo controle, pela mensuração pelo pensamento monotético e mono-referencial, pelo conforto da previsibilidade; a dedicação quase louvação pela lógica algorítima e por um método objetivista; o fechamento nas certezas construídas pela inflexível objetividade e o culto ao progresso ordenado do saber dito científico fizeram do positivismo o grande construtor do significado autoritário.

E é justamente deste caráter autoritário do positivismo que queremos distanciar a nossa pesquisa. Buscando respaldos relevantes à nossa prática, no intuito de compreendermos alguns nortes que a educação em nossa escola tem tomado, optamos pela pesquisa qualitativa, pois (...) “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações e estatísticas” (MINAYO, 1993, p.22).

Como amostra para nosso trabalho, escolhemos uma turma de cada série do Ensino Fundamental Menor da Escola Municipal Odilon Sena Cerqueira, situada à Rua

Alamariño, no município de Várzea da Roça – BA e, dentre estas séries, iremos investigar 6 (seis) crianças de cada classe, sendo que 3 (três) foram indicadas pela professora como crianças que têm maior facilidade com a aprendizagem dos conteúdos escolares e 3 (três) foram indicadas, também pela professora, por apresentar maior dificuldade na aprendizagem desses conteúdos. É importante ressaltar que esta é a visão das professoras sobre a facilidade ou não destas crianças. Analisaremos não só a criança no ambiente escolar, mas também o seu convívio com a família pela qual foi educada. “A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões” (MINAYO, 1993, p.43).

Após a indicação das quatro professoras, tentaremos nos aproximar dos grupos familiares dessas crianças para obtermos, através de conversas e preenchimento de formulários, dados socioeconômicos, culturais etc. que possam nos fornecer indícios do perfil do ambiente familiar em que cada criança foi educada. Por se tratar de uma cidade pequena, Várzea da Roça nos fornece certos privilégios para esse tipo de pesquisa pois, por boa parte do grupo trabalhar ou já ter trabalhado nesta escola, somos conhecidas por estas famílias e isso nos abre portas para a realização do trabalho. (Segundo Minayo, 1993, p. 55) “É fundamental consolidarmos uma relação de respeito efetivo pelas pessoas e pelas suas manifestações no interior da comunidade pesquisada”.

Durante a pesquisa de campo, dentre outras técnicas, optaremos também pela observação e pela entrevista, por julgarmos ter nelas elementos imprescindíveis para o nosso trabalho. Ao realizarmos observações e entrevistas, iremos colher informações que, com certeza, escapariam em um simples preenchimento de formulário ou outra técnica parecida. A visita aos lares (já que temos abertura para isso) e uma conversa com os residentes, nos fornecem informações ímpares pois, por estarmos convictas dos nossos objetivos e da pertinência e relevância do nosso trabalho, observaremos detalhes que ajudarão a comprovar ou descartar nossas hipóteses. Comentando sobre tais técnicas, Minayo (1993, p.57) diz que:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos autores

enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

E diz ainda que “A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO, 1993, p.59).

Segundo Minayo, a relevância dessa técnica se dá uma vez que a observação revela casos que o preenchimento de formulários ou questionários não consegue revelar. (1993, p. 60)

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

Para aplicação de tais técnicas, tomamos como campo de pesquisa a própria escola, tendo como objeto as quatro professoras, os 24 (vinte e quatro) alunos escolhidos por elas, os colegas dos alunos pesquisados diretamente e também as pessoas que mantêm um relacionamento familiar com estas crianças, quer sejam pertencentes à família biológica ou arranjada. Segundo Minayo (1993, p. 53) “(...) concebemos campo de pesquisa como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto de investigação”.

Em suma, o nosso campo de pesquisa é as quatro salas de aula já citadas e os lares das 24 (vinte e quatro) crianças envolvidas diretamente na pesquisa.

Acreditamos encontrar nos lares fortes indícios para justificar o bom ou o mau desempenho destas crianças em relação à aprendizagem dos conteúdos escolares. Este trabalho vem nos oferecer respaldo para o melhoramento da nossa prática, após percebermos se a família contribui ou não para a aquisição da aprendizagem que a escola propõe na formação de seus membros. Minayo afirma que (1993, p.52) “(...) O trabalho de campo deve estar ligado a uma vontade e a uma identificação com o tema a ser estudado, permitindo uma melhor realização da pesquisa proposta”.

Segundo Macedo, a ciência positivista é utópica ao resolver as coisas enxergando apenas o singular, e ao mesmo tempo ela é insegura e temerosa do homem por ele ser plural e por isso elimina-o da sua observação. O encanto da ciência humana é justamente o fato de o homem ser o sujeito e também o objeto da pesquisa. Por se tratar da vida em si e das diversas relações que cada indivíduo estabelece com o meio em que está inserido, a pesquisa em ciências humanas torna-se complexa, exigindo certos cuidados. Ainda segundo Macedo é preciso constante questionamento sobre o real caráter da ciência na prática educativa. Não se pode anular a razão por julgá-la fechada demais, nem tão pouco desprezar a objetividade e a estratégia em prol da subjetividade total. É necessário a síntese das idéias. Cada um dos extremos está sujeito à improdutividade.

Estudar o homem sem procurar conhecer o seu contexto é como se se estudasse uma parte, descontextualizada, sem totalidade; e resolver problema consiste também em criar outros problemas. A nossa pesquisa vê no questionamento a busca por alternativas até então impraticadas e na contradição a existência de múltiplas verdades, o que gera uma educação dinâmica e produtiva. Segundo Minayo (1993, p. 18) "Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar todos os fenômenos e processos".

Não temos nenhuma pretensão de realizar um trabalho conclusivo, fechado, inquestionável, até mesmo por acreditarmos que não existe trabalho assim e se algum pesquisador tiver tal objetivo, obterá um produto insatisfatório, passageiro e, portanto, inútil. Segundo Minayo, o ciclo da pesquisa consiste em todo um processo de formato espiral, que parte de um problema que se deseja investigar, passa por todo um processo e termina em um produto, ou uma resposta à pergunta inicial, provisório, gerador de outras perguntas dignas de outras respostas e assim sucessivamente. É dessa forma que se progride no campo científico.

A nossa pesquisa está voltada para análise, estratégias de conhecimento em favor de uma construção de idéias e produção a serviço de uma formação social relevante, para compreendermos quais as interferências causadas pela família no desempenho escolar dos seus filhos.

Seguindo as especificidades desse contexto procuraremos orientações sobre questões norteadoras, saídas do contato direto com o objeto pesquisado, a fim de que nos sejam fornecidos indicativos favoráveis ao alcance do entendimento desta temática. Trabalharemos com esta metodologia no intuito de responder o seguinte problema proposto nesta pesquisa:

Está a família causando um diferencial e, através do convívio, atrapalhando ou favorecendo a aprendizagem dos conteúdos escolares com contribuições relevantes?

E temos como objetivo identificar fatores sociais, econômicos e culturais dos alunos da amostra; analisar relações entre formação e hábitos familiares com a aprendizagem de conceitos, atitudes e procedimentos e discutir contribuições positivas e negativas, dos responsáveis, para o rendimento escolar.

Logo, a relevância de tal estudo é imensa, pois a pesquisa desta problemática fornecerá um pouco mais de conhecimento teórico e científico que poderão contribuir com toda a comunidade escolar na elaboração de políticas pedagógicas eficazes, voltadas para o reconhecimento das “partes” que formam o “todo” e tão sedentas por verdadeiramente incluir a família na vida escolar, melhorando o nível de aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, auxiliando no repensar da relação família e escola no contexto da educação brasileira e neste caso aqui abordado, em Várzea da Roça.

## CAPÍTULO II

### HISTÓRICO DA ESCOLA PESQUISADA:



A Escola Municipal Odilon Sena Cerqueira foi escolhida para a realização desta pesquisa por ser uma escola de médio porte (em relação as demais do município) e por trabalhar especificamente com o Ensino Fundamental Menor, que é o alvo da nossa formação.

Esta escola está situada na rua Alamarinho, s/n, e hoje tem como diretor o professor Cleidinaldo Nascimento Rios. Funciona desde o ano de 1993, quando começou com quatro salas. Atualmente tem sete salas e atende nos três turnos, sendo que o noturno destina-se à formação de jovens e adultos.

O nome da escola foi dado em homenagem ao amigo do doador do terreno, o senhor Leonor Nunes Rios, que em troca só exigiu esta homenagem póstuma. Nesta ocasião, 1980, Várzea da Roça era distrito do município de Mairi e a escola foi construída na gestão do prefeito Deraldo Cedraz, autorizada pelo decreto de número 016/93 e registro de número 19224/86.

## A FAMÍLIA

A família tem grande importância no desenvolvimento geral dos indivíduos. Até atribuiu-se a ela, durante muitos séculos, a plena formação de seus membros e, desde o início da humanidade a família vem apresentando características distintas, influenciadas por fatores geográficos, sociais, econômicos, culturais, épicos, entre outros. Segundo Maria Luiza (2003, p. 34).

A família é mais que a soma de suas partes é um sistema movendo-se através do tempo e que compreende todo aspecto emocional de pelo menos quatro gerações. O ciclo de vida individual acontece dentro deste ciclo de vida familiar, e é o contexto primário do desenvolvimento humano.

Vivemos em um mundo onde as transformações são constantes e necessárias. As pessoas precisam progredir, dominar máquinas e serem polivalentes, e isso é refletido em todos os setores da sociedade, não podendo ser diferente com a família. Esses avanços ocorridos, outrora em passos mais lentos e hoje de forma acelerada, têm não só afetado as famílias, mas, principalmente, modificado a sua constituição e formação. Danda Prado (1981, p.60) falando de família, salienta que:

(...) se olharmos a evolução histórica dessa instituição, constatamos que grande número de comportamentos vistos como exceções se tornaram regras, e vice-versa: regras rigorosas passaram a ser vistas como exceções.

Em tempos modernos, é comum encontrarmos modelos familiares diferentes do patriarcal, que deu origem ao termo *família*, vindo do latim *famulus*, que significa conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Segundo Danda Prado (1981, p. 35) "as funções de cada família dependem em grande parte da faixa que cada uma delas ocupa na organização social e econômica do país ao qual pertence". O constante ingresso e permanência da mulher no mercado de trabalho e o crescente número de divórcio são dois dos fatores que geram várias outras formações familiares diferentes do modelo centrado na figura masculina. Também insere Munhoz (2003, p. 43)

Embora os padrões de relacionamento e os temas familiares continuem a soar familiar, a estrutura, idades, estágios e formas da família mudaram radicalmente. É só olharmos a nossa volta e até mesmo dentro de nossas próprias relações familiares e perceberemos com clareza estas mudanças ocorrendo. Os que buscarem na memória o retrato de famílias típicas de 20-25 anos atrás e compararem com as que vemos hoje, confirmarão por si próprios que a estrutura já não é a mesma.

Mesmo passando por constantes transformações a família, independente da formação, não perdeu seu objetivo, que é reproduzir e/ou orientar pessoas desde a mais tenra idade, prolongando-se por várias fases vitais. Para tal orientação, há uma tendência cultural de reprodução ou sucessões de valores morais e aperfeiçoamento do que não deu certo com gerações anteriores. Porém, pode-se perceber que a família se descaracterizou em muitos aspectos, mas não perdeu a importante função de educar e formar os seus membros em sociedade.

A Constituição Federal de 1946, em seu artigo 166, já afirmava que a educação era direito de todos e deveria ser dada no lar e na escola. A atual LDB, em seu artigo 2º, determina que educar é dever da família e do Estado. O Estatuto da Criança e do Adolescente também afirma em seu artigo 19º que toda criança ou adolescente tem o direito de ser criado e educado no seio da sua família natural ou, se for o caso, da família substituta. É certo que a família tem essa premissa, a de promover a formação dos seus membros, independente do seu modelo. De fato as formações ocorrem, porém têm se dado de diversas formas, o que muitas vezes tem comprometido a harmonia social, pois muito vale para a educação o poder do exemplo e, todas essas mudanças ocorridas no núcleo familiar têm alcançado a escola e alterados modelos praticados por séculos.

## A ESCOLA

Coincidência ou não, o espaço físico, os recursos e a pedagogia de décadas atrás não satisfazem mais, desestimulando e acarretando incompatibilidade de competência-série. Há um desequilíbrio educacional em proporções semelhantes ao desequilíbrio das formações familiares. Otáisa Romanelli diz que (1999, p.146) "(...) a finalidade da educação se define de acordo com a filosofia de cada época" e é movido pelo compromisso de se fazer uma educação de qualidade, atendendo as necessidades da época atual, que se propõe investigar até que ponto a genética influencia na construção do conhecimento e o convívio familiar tem contribuído na aprendizagem de conteúdos escolares.

Hoje a escola pública é aberta a todos que a procura, segundo as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A LDB nº 9394, de 20 de dezembro de 2006, no seu artigo 4º, inciso I diz que: "é dever do estado com a educação pública garantir o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, até mesmo para os que não tiveram acesso na idade própria". Mas nem sempre foi assim. Otáisa Romanelli diz que (1999, p. 33) "Era, portanto, a um limitado grupo de pessoas pertencentes à classe dominante que estava destinada a educação escolarizada". Garantiu-se o acesso, mas não foram criadas condições para o processo e nem para o sucesso de todas as camadas sociais. Apesar de, estatisticamente falando, a grande maioria das crianças de sete a quatorze anos está matriculada no Ensino Fundamental, ela continua fazendo parte de um sistema educacional excludente, que seleciona e investe apenas em um pequeno grupo, ou seja: (GENTILLE, 2003, p.14)

O aumento da pobreza e da exclusão conduz à conformação de sociedades estruturalmente divididas nas quais, necessariamente, o acesso às instituições educacionais de qualidade e a permanência nas mesmas tendem a transformar-se em um privilégio do qual gozam apenas as minorias.

A mesma educação que pode servir para nivelar as classes sociais também pode ser usada para distanciá-las mais ainda. A escola pública deveria ser de alta qualidade, pois goza de investimentos superiores, em relação à escola particular, mas o problema

da Escola Pública é a ideologia do governo que tem sérios interesses em não informar nem habilitar a população que usa a escola pública para que a mesma não adquira poderes que só o conhecimento é capaz de fornecer. Pablo Gentile (2003, p. 47) ainda afirma que "(...) educação é cultura e ideologia e pode servir para aproximar e afastar pessoas de classes sociais".

Pedro Demo (2002, p. 91) também afirma que "(...) quanto mais existe o conhecimento mais a sociedade é independente" e essa independência não é nada desejada pelo poder público. De que serve para os líderes políticos uma escola "paga por eles" que vai transformar o pensamento crítico, implantado durante séculos nas nossas escolas, e vai fornecer subsídios para que os menos favorecidos socialmente venham a viver de forma independente? Pedro Demo fala de quão importante é a arma do conhecimento, que se coloca na mão do pobre, que é a única capaz de gerar sua autonomia.

É notório que os alunos brasileiros não aprendem mais os conteúdos escolares como as gerações passadas aprendiam. Pedro Demo (2002, p. 89) afirma que "O Brasil está na América Latina, mas em educação está mais para a África". Esta é a realidade da nossa escola pública e Pablo Gentile (2003, p. 49) diz que:

É por isso que, 500 anos depois do início do "processo civilizatório", no alvorecer do século XXI, os números nacionais são alarmantes: 22 milhões de analfabetos adultos, 15 milhões de analfabetos funcionais (que garatujam o próprio nome e lêem mal), 3 milhões de crianças até quatorze anos fora da escola. Metade dos que começam qualquer curso, inclusive universitário (onde, em 2001, ingressou 1 de cada 10 jovens maiores de 18 anos) não os completam. Sim, hoje há escola de 1ª à 4ª série para quase todos (95,7% das crianças na faixa etária). Cabe perguntar qual escola (...)

Esta é a escola que a educação pública oferece e não tem atendido à demanda, não só de vagas e de condição de acesso, mas também tem deixado a desejar no que diz respeito à qualidade, interesse dos educandos e coerência com os novos rumos que tem tomado a sociedade atual.

Para a sociedade capitalista, cidadão é sinônimo de consumidor, mas a escola não pode educar só com este objetivo. Ela precisa ir além, precisa investir na formação de pessoas aptas para o bom convívio social neste mundo globalizado.

É certo que a didática aplicada em sala de aula é um dos fatores determinantes, mas não vamos nos deter neste ponto, pois ele é um assunto para um outro estudo; o interesse desse trabalho é pesquisar se a família também tem contribuído para essa realidade.

Este estudo, realizado com os alunos da 1ª série A, 2ª série C, 3ª série B e 4ª série A da Escola Municipal Odilon Sena Cerqueira, em Várzea da Roça – BA e suas famílias, constituídas das mais distintas formas, investiga o fato de crianças e adolescentes terem acesso aos mesmos métodos de ensino e obterem resultados tão discrepantes no nível de aprendizagem.

A escola surgiu da necessidade de se tratar de áreas específicas do conhecimento, já que a família cuidava de quase toda a educação do indivíduo. Com o passar do tempo, a função da escola deixou de ser a inicial e passou a ser também a de preencher lacunas deixadas pela família, que vem se eximindo cada vez mais de seu papel e sobrecarregando as instituições escolares com cobranças exageradas por parte da sociedade, de atitudes formativas e, com isso, houve um desvio da real função da escola. Ingredi Schroeder (2006, p. 91-92) relata que:

Durante anos a escola e a família foram as duas instituições responsáveis pela educação e formação de novas gerações. Hoje isso já não é possível. A família está passando por grandes transformações e, muitas vezes, delegam sua função educativa tradicional a outros agentes como a televisão ou a própria escola. Esta por sua vez não pode enfrentar sozinha todos os desafios apresentados pela nova sociedade da informação.

Não que a escola não possa contribuir para a formação do cidadão. Pode. Assim como as igrejas, sindicatos, associações, clubes etc.. O problema é que não é dela a responsabilidade maior, pois se for, não lhe restará meio adequado para assumir sua função primordial, que é trabalhar com conteúdos sistematizados, pois estes não estão disponíveis em qualquer seguimento social.

Não cabendo a escola resolver sozinha todos os problemas de aprendizagem e sabendo que todo homem é também influenciado pelo meio em que vive (LUIZA, 2003, p. 19) “O que é, o que lhe acontece, está necessariamente relacionado com as pessoas com as quais interage e com as situações nas quais atua”.

É fundamental que cada profissional de educação procure conhecer o que rodeia seu educando para que possa contribuir de forma sábia e frutífera no desenvolvimento da classe como um todo e dos alunos individualmente. Maria Luiza (2003, p. 29) salienta que “observar o desempenho de uma criança no que tange à aprendizagem escolar é de fundamental importância” .

O profissional da área de educação não pode resolver todos os problemas que cerca seu aluno, mas ele pode detectar alguns sintomas que, se dada a devida atenção, pode mudar os resultados em relação à aprendizagem e até resignificar uma vida, uma família e uma sociedade, sendo que é no núcleo familiar que se encontra importantes subsídios para tais atos. Maria Luiza (2003, p. 29) ainda afirma que:

O reconhecimento e a valorização da subjetividade em sala de aula possibilitarão a mudança de comportamento ou atitudes de alunos que, até então eram considerados indisciplinados ou até mesmo desajustados.

Orsi salienta que a família, a escola e a sociedade encontram atualmente grandes dificuldades para educar crianças e jovens e isso se dá porque estas instituições perderam o referencial, elas não sabem ao certo qual é a função de cada uma. Tal incerteza acarreta inúmeros problemas tanto para as crianças como para as instituições, que se encontram perdidas, frustradas. Dentre os problemas gerados está a dificuldade de adaptação social e escolar por parte do educando que gera, como consequência, enfermidades psicológicas, sociais e educacionais. Orsi diz que a família é um sistema de vínculos afetivos em que o sujeito nasce com possibilidades de ser (biológica e psíquica), mas que só se concretizarão ao entrar em contato e agir com um semelhante.

Daí a importância da família, que além de fornecer esse leque de possibilidades, ainda compõe o grupo das pessoas com as quais o ser humano convive e aprende os passos iniciais, onde adquire as primeiras aprendizagens. Orsi (2007, p. 06) afirma ainda que “O ambiente familiar estável contribui positivamente para o bom desempenho da criança na escola, embora não garanta o seu sucesso, uma vez que este depende de outros fatores que não exclusivamente os familiares”.

Diante de todos os avanços ocorridos na sociedade, a família também se modificou bastante. Hoje o modelo familiar de pai, mãe e filhos, cada um ocupando uma função pré-estabelecida, tem se dissipado bastante. Os novos modelos familiares são constituídos, em alguns casos, por enteados, avós, amigos que dividem as despesas, enfim, e essas particularidades precisam ter atenção devida e serem respeitadas também na escola. Mas, independente do modelo familiar, ainda é da família a primícia de educar, no sentido amplo, que abrange a transmissão de fundamentos sociais, de acordo à cultura em que está inserida. Orsi (2007, p. 04) diz que “Aos pais cabem, ainda, a função de fornecer modelos de identificação que venham a contribuir para a formação da identidade da criança (...)”. A família existe, desde tempos remotos e a educação familiar é algo tão sério que tem até sido considerada como um marco histórico, dividindo épocas. Orsi relata : (2007, p. 02)

O ser humano encontra-se a aproximadamente cinco séculos de existência da civilização humana organizada sob o modelo familiar. De acordo com os diferentes momentos históricos, sua constituição foi se dando de forma singular a partir de diferentes referenciais que norteavam a educação dos filhos.

Sendo a família tão importante na formação do cidadão, desde a mais tenra idade, ela também contribui para aquisição posterior da aprendizagem. Dentre alguns modelos de aprendizagem, destaca-se a significativa, que é a que as escolas buscam conseguir na atualidade. Esta aprendizagem é a que não se esquece facilmente, a que serve de pressuposto para outras conquistas. Adriana Pelizzari (2002, p. 38) diz:

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio.

Daí a importância da família: preparar o seu ente para a aquisição de habilidades dentro do seio familiar, quando ele ainda não se envolve de forma direta com outros seguimentos sociais e também alicerçá-lo para aprendizagens futuras, que serão significativas, ou não, a depender do que encontrem de respaldo em cada aprendiz. Há conteúdos que podem gerar uma aprendizagem significativa para uns e

não gerar para outros. Isso está totalmente ligado com o que cada pessoa adquiriu ao longo dos tempos. Claro que isso não anula o papel do mediador, de buscar sempre a melhor didática possível, tanto para o grupo como um todo, quanto para cada aluno individualmente.

Adriana Pelizzari salienta que: (2002, p. 38) “Cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio”. E com certeza isso se dá a depender do que já foi e está sendo significativo na vida de cada um até o momento. Adriana Pelizzari também afirma que cada conteúdo tem um significado lógico e um significado psicológico. O lógico é do conteúdo em si, depende tão somente da sua natureza, não tem a ver com o aprendiz, ao contrário do significado psicológico do conteúdo que está totalmente ligado às experiências individuais, o que o aprendiz carrega consigo, está ligado com o que ele já aprendeu até o momento e com o que pra ele realmente é importante. Vale ressaltar que em nossa prática nos deparamos sempre com alunos que quando são expostos a uma situação problema, envolvendo algo que não faz parte da sua realidade eles, na maioria das vezes, não conseguem resolver; alguns nem tentam, não demonstram interesse, ao passo que quando transformamos o problema que envolve os mesmos cálculos em uma situação corriqueira, de compra e venda de algo que é do cotidiano, eles respondem o que nem sabiam que sabiam resolver.

A teoria Inatista norteou a educação durante anos. Baseada nos conceitos de Darwin, acreditava-se que a criança nascia com um potencial que tendo um mínimo de estímulo, se desenvolveria, independente dos fatores que a envolvessem. A educação mundial também já foi norteadada pela teoria ambientalista, de Skener. Totalmente oposta ao inatismo, pregava que a criança nascia vazia, em branco, e que seria preenchida tão somente pelas experiências colocadas à sua disposição. Aí se reconhecia o fator cultural como elemento de aprendizagem. A convivência com grupos primários e secundários era a principal responsável pelo sucesso do indivíduo, que iria ser apenas o que lhe ensinassem. Ele não teria nenhuma capacidade de reverter esse quadro, através da interação. Seria, predeterminadamente e exclusivamente, “fruto do meio”. Anos depois surgiu a teoria interacionista, que ligava a contribuição da genética com a do meio, onde se acreditava que a criança nasce sim com um potencial mas que

ele seria desenvolvido de acordo com as relações que o indivíduo estabelecesse com o ambiente em que estivesse inserido. Segundo César Cool (1995, p. 18): “A polêmica sobre o papel que a herança e o meio ambiente desempenham na determinação do desenvolvimento começou a ser interessante quando deixou de ser apresentada em termos taxativos e exclusivistas” (...).

É de fundamental importância reconhecer, à luz dos teóricos, o papel tanto da genética quanto do estímulo. O homem nasce com um potencial que pode ser bem desenvolvido, ou não, a depender dos estímulos que lhe forem oferecidos. Cool diz que: (1995, p. 99) “(...) A inteligência pode desenvolver-se aquém ou além do seu potencial, dependendo das condições do meio que encontram”.

Todos os relatos genéticos analisados, na área de Educação, ressaltam a importância do meio, principalmente nos primeiros anos de vida. Cool afirma que: (1995, p. 99) “O conjunto de influências e estímulos ambientais altera os padrões de comportamento de indivíduo (...)”.

Segundo César Coll o indivíduo nasce com uma carga genética composta de conteúdos fechados e abertos. “(...) pode-se distinguir certos conteúdos ‘fechados’ e certos conteúdos ‘abertos’ (...)” (LACOB, 1970). Os fechados estão relacionados àqueles comuns à espécie, que não diferem (COOL, 1995, p. 18).

“(...) Os conteúdos fechados os são na medida em que não são alternáveis em consequência da experiência individual, são os conteúdos que nos definem como espécie e que somente sofrem alterações no nível da espécie (...)”. Já os conteúdos abertos são aqueles que se desenvolvem segundo as experiências que o indivíduo é exposto. Coll diz que: (1995, p. 19) “Os componentes abertos de nosso código genético estão menos relacionados a conteúdos concretos e mais a possibilidades de aquisição e desenvolvimento (...)”. É essa parte do código genético que interessa à Educação, pois o papel do educador é o de estimular esses conteúdos e propiciar momentos em que a inteligência possa ser aumentada.

O desenvolvimento dos conteúdos abertos do código genético da criança depende muito das relações que ela estabelece com o que está à sua volta e isso se refere, de forma relevante, à família, pois é ela que acompanha e assessora o desenvolvimento desde o ventre (quando faz de forma total) e perdura por muito tempo

(inicialmente com poucas parcerias, o que aumenta de forma progressiva com o passar do tempo).

Jean Piaget (1970, p. 15) também afirma que “A inteligência é uma adaptação (...)” . Todos os seres humanos são dotados de inteligência, pois em se tratando de genética, têm essa capacidade. O que causa o diferencial é exatamente as circunstâncias que são expostas para cada um, inicialmente na família, o que é posteriormente compartilhado com outros seguimentos, tendo como o principal, dentre estes outros, a escola. César Cool (1995, p. 18) diz que:

(...) Já que existe um consenso em aceitar que nosso comportamento e desenvolvimento são influenciados e determinados tanto por aspectos genéticos quanto por aspectos ambientais, o problema fundamental reside em conhecer como eles se relacionam entre si, e em estabelecer se há momentos do desenvolvimento ou conteúdos evolutivos em que, na interação entre o elemento herdado e o adquirido no contato com o meio, ou um outro aspecto desempenha um papel mais ou menos determinadamente.

O exposto é complementado com a teoria interacionista, que reforça a importância do potencial que todo ser humano carrega consigo desde o ventre e o quanto ele pode ser desenvolvido, desde esta fase, e sempre atentando para os períodos do desenvolvimento humano estudado por Jean Piaget, que oferece um norte para os estímulos. As fases descritas por Piaget estabelecem relação entre o desenvolvimento físico e mental com o cronológico, o que também pode variar de acordo com os estímulos.

Vygotsky também acrescenta quando relata as zonas do desenvolvimento: Ele estabelece a diferença entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento proximal, provando que a depender do que se vivencia, do que se oferece, pode se avançar em maior ou menor grau de aceleração. Segundo Rabello apud VYGOTSKY, (1998, p. 60).

Uma criança para ser considerada como possuidora de uma certa capacidade tem que demonstrar poder cumprir uma tarefa sem qualquer tipo de ajuda externa. A Essa capacidade Vygotsky chamou de nível de desenvolvimento real, que caracteriza o desenvolvimento retrospectivo: as etapas alcançadas, já conquistadas e os processos de desenvolvimento já completados, consolidados.

Há tarefas que uma criança não será capaz de realizar sozinha, sem a ajuda de alguém, mas tornar-se-á capaz de concretizá-las, se lhe forem dadas instruções, demonstrações, pistas e assistência adequadas. A essa capacidade de realizar tarefas com a ajuda de alguém Vygotsky chamou de nível de desenvolvimento potencial ou proximal. Essa capacidade de alteração de desempenho pela interferência de alguém é fundamental na sua teoria. "A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de " brotos "ou" flores "do desenvolvimento, ao invés de" frutos "do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivo" (Vygotsky, 1984: p.97).

Todas as teorias apontam a importância do estímulo para a aprendizagem e afirmam que o mesmo sempre vem contribuir com o desenvolvimento da herança genética, tanto da espécie, como a dos parentes consangüíneos, que é mais próximo. Um exemplo esclarecedor é o das meninas criadas por uma alcatéia (Amala e Kamala), que mostra a importância do estímulo, por mínimo que seja, até mesmo para o desenvolvimento de habilidades comuns ao ser humano, como ser bípede, falar, sorrir, chorar, entre outras. E é por saber da suma importância da motivação e do convívio que vamos nos aprofundar mais, teoricamente, nesses aspectos, sem negligenciar em momento algum a contribuição da genética, apenas partindo do pressuposto que ela precisa ser instigada sempre, para que possa revelar-se e até superar limites.

## INDISCIPLINA

Muito se fala em indisciplina nas salas de aula. Nas reuniões pedagógicas, parte do tempo estabelecido para o planejamento da prática é destinado à discussão de um problema tão freqüente e contemporâneo chamado indisciplina. Mas o que é mesmo indisciplina?

Essa resposta dependerá muito da visão do professor a esse respeito. Alguns podem considerar como aluno indisciplinado aquele que é agressivo com os colegas e com o professor, que destrói o mobiliário da escola; outros podem taxar de indisciplinado o aluno que conversa bastante durante as explicações do mediador e não consegue aguardar a sua vez para se expor; outros ainda podem ter como indisciplinados os que mascam chiclete e usam boné no período de aula. É certo que a educação brasileira vem passando por uma crise. Júlio Grappa Aquino diz (2007, p. 02).

Mais precisamente, os índices de retenção e evasão escolar no país são semelhantes aos de países africanos como a Nigéria e o Sudão. Mas ainda, quando se investiga a qualidade de ensino ministrado entre aqueles que permaneceram na escola, o quadro não é menos desolador. A esse último efeito temos chamado de "fracasso dos incluídos".

Segundo Júlio Grappa Aquino, dentre vários fatores, alegado por quem faz a educação no país, o "aluno-problema" se destaca como causador do insucesso escolar. Esse tipo de aluno geralmente é marcado por distúrbios psíquico, cognitivo ou comportamental.

Para Aquino, também há três hipóteses a respeito dos motivos que levam à indisciplina que caracteriza um distúrbio comportamental : o aluno seria indisciplinado por ser desrespeitador, por ser sem limites ou por ser desinteressado.

Como a sociedade vem mudando e a postura do professor precisa se adequar a tais mudanças, o perfil do alunado também já não é mais o mesmo. Fruto de uma geração inconstante, criados muitas vezes em lares desequilibrados, conseqüentemente, há uma tendência natural ao desrespeito na escola.

Também não se pode comparar com tempos passados, pois a escola não recebia a todos e os que freqüentavam não tinham a liberdade de expressão que se tem hoje. Havia uma coação que muitos confundiam com respeito, o que justamente se critica hoje. Nesta perspectiva Aquino (2007, p. 05) define indisciplina como um:

Clamor de um novo tipo de relação civil, confrontativa na maioria das vezes, pedindo passagem a qualquer custo. Nesse sentido, a indisciplina estaria indicando também uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares (...).

Fazendo uma avaliação sobre a segunda hipótese de indisciplina, a do aluno “sem limites”, Aquino (2007, p. 06-07) faz algumas colocações importantes e, dentre elas:

família e escola não são a mesma coisa, e uma não é a continuidade natural da outra e portanto, precisamos admitir um consenso básico, muitas vezes esquecido no dia-a-dia escolar: o de que aluno não é filho, e professor não é pai.

Realmente não é função do professor a tarefa de ensinar valores éticos, morais e de impor limites nas ações do aluno. O educador até pode, de forma paralela aos conteúdos trabalhados, ajudar em tal formação, mas não é seu objetivo principal. Ele não foi formado para o papel de paternidade ou de maternidade. Professor deve continuar sendo professor, com suas atribuições, e pais devem também cumprir o seu papel de pais, primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Segundo Aquino (2007, p. 07) “Se o professor abandona seu posto, se ele não cumpre suas funções específicas, quem fará isso por ele?”

A terceira hipótese de indisciplina reza sobre o desinteresse do aluno, mas, muitas vezes esse desinteresse é oriundo da falta de atrativo em sala de aula. Algumas aulas podem não estar despertando o lado pesquisador que existe nas crianças e, por ter que lidar apenas com o que já está pronto, o aluno pode criar desinteresse pela escola.

Mas, independente da origem da indisciplina, é importante lembrar que ela não possibilita o sucesso pedagógico. O professor pode e deve desenvolver estratégias

para conviver com ela e transformá-la. Mesmo tida como indisciplinada a criança é capaz de adquirir informações e alcançar o conhecimento. O nosso enfoque neste ponto é tão somente por saber que ela dificulta o trabalho do professor e o nosso objetivo é conhecer as causas da dificuldade por parte dos alunos na compreensão dos conteúdos escolares. Em momento algum pretendemos atribuir à indisciplinada toda a culpa pelo fracasso escolar das crianças, inclusive ela é produtiva, pois desafia o educador na busca de novos métodos que podem alcançar os alunos tidos como indisciplinados e aperfeiçoar os que são considerados como exemplares.

## CONTEÚDO

A definição que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2000, P. 180) traz para conteúdo é “O que se contém em alguma coisa”. Daí se conclui que conteúdos escolares são aqueles que contêm no currículo escolar.

Segundo orientações dos PCN, os conteúdos devem ser divididos por área mas isso não deve impedir, de forma alguma, que o professor explore a interdisciplinaridade. Dentro de uma mesma área, os conhecimentos podem estar subdivididos em diversas disciplinas.

Para o professor do Ensino Fundamental Menor que trabalha todos os dias com uma mesma turma e com todas as disciplinas, fica mais acessível o trabalho com temas, envolvendo as várias áreas do conhecimento, bem como os temas transversais sugeridos nos PCN.

Conteúdo, portanto, é o que deve ser usado pelo professor-mediador com o intuito de conduzir o aluno na aquisição de sua independência e na conquista de sua realização pessoal, profissional e social. Nos PCN encontramos tal declaração “ao invés de um ensino em que o conteúdo seja visto como fim em si mesmo, o que se propõe é um ensino em que alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir os bens culturais, sociais e econômicos”. (PCN - Introdução, 2001, p. 73)

Segundo os PCN, há uma tendência predominante quando se fala sobre conteúdos: a tendência que conduziu a escola por longas décadas e que via conteúdo

apenas como sinônimo de transmissão-incorporação. O único objetivo da escola era o repasse de ensinamentos já prontos, denominados conteúdos. Se o aluno explicitasse em uma prova escrita todos os bons hábitos de higiene, se essa fosse a solicitação do professor, ele tiraria um dez, mesmo que na prática não utilizasse nenhum deles. Na visão da escola de outrora, listar alimentos saudáveis significava ter compreendido o conteúdo “boa alimentação”, ainda que não se costumasse ingeri-los e haja preferência pelos enlatados ao invés dos naturais.

Os PCN nos trazem basicamente três tipos de conteúdos que devem ser considerados na educação contemporânea: os conceituais, os procedimentais e os atitudinais.

Os conteúdos conceituais referem-se às informações adquiridas e as situações vivenciadas onde esses conteúdos possam surgir. A memorização não deve ser subtraída das capacidades e competências que a escola objetiva alcançar. Por ser muito criticada, tende a desaparecer, e ela é muito importante na aquisição dos conteúdos conceituais. O que não deve acontecer é se trabalhar apenas esse tipo de competência. Dando importância às demais competências como comparação, suposição, análise, descrição, dissertação, inferência etc, deve-se também, de igual modo e nos momentos oportunos, trabalhar com a memorização. Uma vez que um dos objetivos dos conteúdos é facilitar a vida humana, há situações em que só a memorização pode solucionar o problema.

A aquisição dos conteúdos procedimentais está estreitamente relacionada com a prática. É a aquisição de um método que possa conduzir à realização de uma tarefa. “os procedimentos expressam um saber fazer, que envolve tomar decisões e realizar uma série de ações, de forma ordenada e não aleatória, para atingir uma meta”. (PCN - Introdução, 2001, p. 75)

E, por se tratar de um tipo de conteúdo que tem peso igual aos demais (ou pelo menos deveria ter), os procedimentos às vezes não contam com a intervenção do professor, que encara sua aquisição como algo natural, que não necessita de mediação. Nesta perspectiva “a realização de um procedimento adequado passa, então, a ser interpretada como o aprendizado do conceito (...) o fato de uma criança

saber resolver contas de adição não necessariamente corresponde à compreensão do conceito de adição” (PCN - Introdução, 2001, p. 5).

Por sua vez, a aquisição das atitudes vem em decorrência do trabalho com os conceitos e com os procedimentos. “Muitas pesquisas apontam para a importância da informação como fator de transformação de valores e atitudes; sem dúvida, a informação é necessária, mas não é suficiente”. (PCN – Introdução, 2001, p. 76)

Ao se definir atitudes e procedimentos como conteúdo, não se aumenta o número deles. Segundo os PCN (Introdução, 2001, p. 77)

Considerar conteúdos procedimentais e atitudinais como conteúdos do mesmo nível que os conceituais não implica aumento na quantidade de conteúdos a serem trabalhados, porque eles já estão presentes no dia-a-dia da sala de aula; o que acontece é que, na maioria das vezes, não estão explicitados nem são tratados de maneira consciente.

Tão importante quanto o conteúdo escolhido é o enfoque que se dá a ele. A maneira como se trabalha determinado assunto revela a ideologia do professor e até mesmo, em alguns casos, da escola, a depender do projeto político pedagógico que, porventura, ela tenha escolhido. (PCN - Introdução, 2001, p. 73)

(...) qualquer que seja a linha pedagógica, professores e alunos trabalham, necessariamente, com conteúdos. O que diferencia radicalmente as propostas é a função que se atribui aos conteúdos no contexto escolar e, em decorrência disso, as diferentes concepções quanto à maneira como devem ser selecionados e tratados.

Ainda tratando de conteúdos, é fundamental salientar que os mesmos devem respeitar as diferentes realidades existentes no Brasil.

Moramos em um vasto país, cheio de diversidades regionais, culturais, sociais, econômicas, históricas etc. e para se possibilitar a inclusão, tão almejada pela educação atual, é necessário que se respeite tais diferenças.

De acordo com os PCN, deve haver um núcleo comum, para ser trabalhado em todas regiões do país, garantindo uma certa igualdade no acesso ao conhecimento, mas os conteúdos também devem oferecer uma parte diversificada, que irá possibilitar a adequação aos diversos tipos de realidade. (PCN - Introdução, 2001, p. 79)

Dada a diversidade existente no país, é natural e desejável que ocorram alterações no quadro proposto. A definição dos conteúdos a serem tratados deve considerar o desenvolvimento de capacidades adequadas às características sociais, culturais e econômicas particulares de cada localidade.

Além das diferenças regionais, dentro de uma localidade e até mesmo dentro de uma escola existem diversidades que devem ser consideradas e o professor precisa, realmente e por mais um motivo, conhecer o contexto de seus alunos para que além de melhorar os métodos pedagógicos, também possa aperfeiçoar a relação dos conteúdos que deve compor a parte diversificada. (PCN - Introdução, 2001, p. 79)

Assim, a definição de conteúdo nos Parâmetros Curriculares Nacionais é uma referência suficientemente aberta para técnicos e professores analisarem, refletirem e tomarem decisões, resultando em ampliações ou reduções de certos aspectos, em função das necessidades de aprendizagem de seus alunos.

## CAPÍTULO III

### ANÁLISE DOS DADOS

Nossa pesquisa investiga se a relação familiar exerce influência sobre a criança de forma que possa auxiliá-la ou prejudicá-la na aquisição dos conteúdos trabalhados na escola. Partindo da indicação das professoras, entramos em contato com 24 crianças (12 com facilidade e 12 com dificuldade de aprendizagem desses conteúdos) em ambiente familiar e colhemos dados relevantes para a confirmação das hipóteses levantadas no início desse estudo.

Realizamos visitas domiciliares e tivemos a oportunidade de observar e conversar com a própria criança e também seus familiares (do convívio). Nesta ocasião preenchemos um formulário (em anexo) que versa sobre afetividade, cultura, lazer, renda percapita, grau de instrução, formação familiar, investimento em educação, dependência de drogas, trabalho infantil etc.. Ao analisar os dados colhidos, constatamos que os alunos com facilidade de aprendizagem, denominados neste estudo por FA, moram em casas com no máximo 5 pessoas e suas famílias são formadas por pai, mãe e irmãos (com apenas uma exceção do pai não residir no lar) e que 42% dos alunos com dificuldade de aprendizagem, aos quais iremos chamar de DA, não moram com os pais: ou os pais são separados ou moram com os avós. Também constatamos que 67% dos DA não são educados nem pelo pai nem pela mãe e sim por avós ou por todos da casa (tios, primos etc.).

As mães dos FA têm no mínimo o Ensino Fundamental Menor Completo e a grande maioria concluiu o Ensino Médio (há até casos de Ensino Superior Completo na área de Educação) enquanto 50% das mães dos DA são completamente analfabetas (não codificam nem o próprio nome) sendo que, da outra metade, apenas duas concluíram o Ensino Fundamental, as outras apenas assinam, codificam e decodificam algumas palavras, não sendo capazes de compreender enunciados ou pequenos textos.

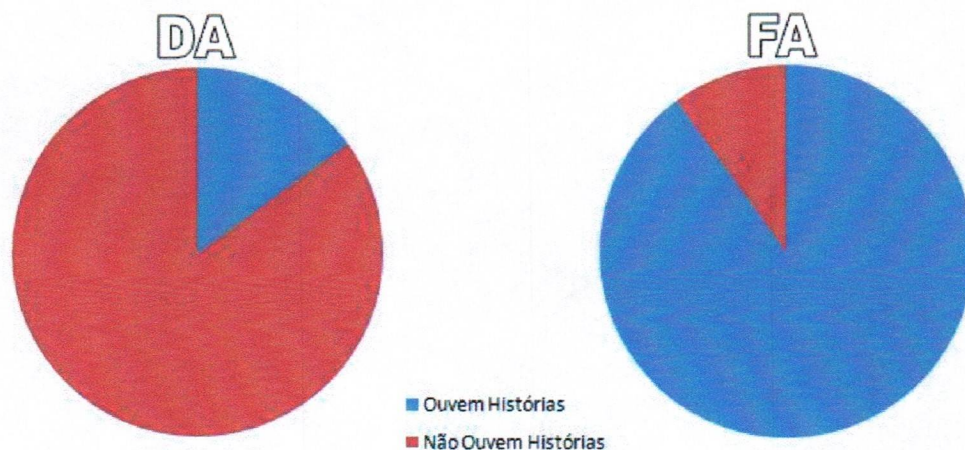
Dos pais dos FA, apenas dois são analfabetos; os demais variam entre a conclusão do Ensino Fundamental Menor, Ensino Fundamental Maior e até mesmo o Ensino Superior. Dos pais dos DA, 70% são analfabetos e os outros 30% apenas assinam.

Quanto à escolaridade dos pais das crianças pesquisadas, montamos esta tabela que resume a análise.

	DA		FA	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Analfabeto	08	06	02	-
Alfabetizado	04	04	-	-
E.F.Menor	-	-	06	04
E.F.Maior	-	02	03	04
Nível Médio	-	-	-	03
Nível Superior	-	-	01	01

Nesta pesquisa também detectamos que 85% dos DA não têm quem lhes conte histórias em casa. Ao serem questionados sobre o costume de ouvir leitura de histórias escritas ou orais responderam, no ato, "nunca". Os outros 15% responderam, meio em dúvida, "às vezes". A mesma pergunta foi feita para os FA e 90% responderam que sim, sempre (sem nenhuma hesitação).

Sobre o hábito de ouvir histórias em casa, observe estes gráficos.





As crianças analisadas costumam receber de seus professores, atividades de reforço para aprendizagem dos conteúdos trabalhados na escola e, ao pesquisarmos quem as ajuda na realização destas tarefas, obtivemos os dados com os quais montamos esta tabela:

#### Orientação nos deveres de casa

	DA	FA
PAIS		
OUTROS		-
NINGUEM		-

Segundo os professores, 83% dos pais das crianças com facilidade de aprendizagem, além das reuniões, vão sempre à escola se informar sobre o desempenho, o relacionamento dos filhos com a comunidade escolar, dar sugestões etc.. 17% destes vão apenas nas reuniões de pais. Já dos pais ou responsáveis pelas crianças com dificuldade, 67% só comparecem à escola nas reuniões “para ouvir o que o professor tem para reclamar” ou quando o diretor envia um convite urgente, pelo fato da criança ter cometido uma infração grave às regras escolares. Os pais destas crianças nos informaram que não opinam nem sugerem, apenas ouvem.

Ao realizarmos as visitas, percebemos que as expectativas dos responsáveis e também dos DA, em relação à escolaridade, não é muito animadora: Nenhum deseja cursar o Ensino Superior, alguns pretendem alcançar o Ensino Médio e a grande maioria se contenta apenas com o Ensino Fundamental Menor, nos casos mais otimistas, o Fundamental Maior. O investimento anual médio dessas famílias, com a educação das crianças, é de R\$ 23,00, enquanto que o investimento dos familiares dos FA é, em média anual, R\$ 120,00.



Dos FA há apenas duas exceções que só pretendem alcançar o Ensino Médio. Todos os outros almejam o nível superior e já pensam em profissões nas áreas de medicina, veterinária, informática etc..

A renda média mensal, percapita, das famílias dos FA é  $\frac{1}{2}$  salário mínimo, enquanto que a mesma renda dos DA é de menos de  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo.

Das famílias dos FA, apenas cinco pais têm o hábito de fumar e um de beber e nenhuma das crianças pesquisadas presenciou ou presencia cenas inadequadas em virtude de drogas, no entanto, em 67% das famílias dos DA, quase todos os membros são dependentes do cigarro, 83% das famílias têm dependentes de álcool e mais da metade das crianças analisadas já presenciou e/ou ainda convive com violência, escândalos etc. oriundos do consumo dessas drogas.

40% dos DA apresentam um problema agravante de saúde e não têm nenhum acompanhamento profissional. Os problemas detectados, do conhecimento das famílias, são físicos e notórios, aqueles que sobressaem e apresentam crises agudas, como é o caso de epilepsia, bronquite, anemia profunda etc.. Já entre os FA,

tivemos um único relato, de problema psicológico, com devido acompanhamento por profissionais da área. A família dessa criança desloca-a mensalmente para centros urbanos que disponibilizam tais serviços, apesar da distância.

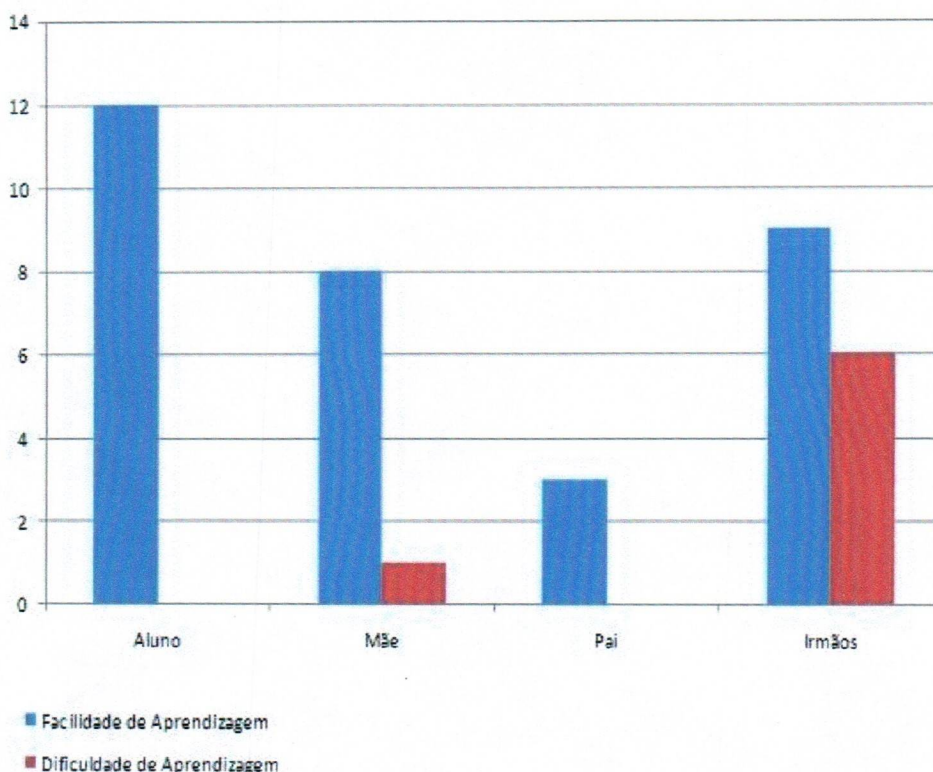
Os alunos que apresentam facilidade na aprendizagem são bastante presenteados por parentes e amigos e 56% deles ganham livros dentre os artigos recebidos.



Já dos alunos com dificuldade de aprendizagem apenas a metade ganha presentes, esporadicamente. Desses 50%, alguns relatam que ganham sim, mas apenas do professor e, dentre os poucos presentes recebidos, nenhuma criança citou livro como um dos itens.

Averiguamos também quantos livros, aproximadamente, as famílias possuem e detectamos que nas casas dos FA, a média é de 70 livros, enquanto que nas dos DA, a média é de 5 livros, sendo que 40% deles não têm nenhum tipo de livro em casa (exceto os distribuídos pela escola para o ano em curso) e dos 60% que têm livros em casa, quase todos relataram que são livros didáticos velhos que a escola distribuiu no final dos quatro anos de uso. Apenas um DA confirmou haver em sua casa livros infantis (em pequena quantidade).

Quanto ao hábito de ler dos membros das famílias dos nossos alunos, montamos o seguinte gráfico.



É certo que a violência doméstica causa danos profundos e em muitos casos, irreparáveis, trazendo conseqüências futuras para as vidas das vítimas, e dentre essas conseqüências, nos propusemos a investigar se o baixo rendimento escolar está incluído.

Perguntamos a essas 24 crianças que compõe a nossa amostra se quando elas cometem alguma infração às regras familiares se são corrigidas com castigos físicos, mais especificamente, perguntamos se elas apanham e nenhum FA afirmou apanhar. Todos eles relataram que são punidos com castigos de subtrair algo que eles gostam, por um determinado período, outros disseram que os pais os colocam para consertar o que fizeram de errado (quando é possível) e muitos falaram sobre conversas e conselhos mas, por unanimidade, negaram qualquer tipo de agressão.

No caso dos DA foi justamente o contrário. 100% deles confirmaram o hábito de serem espancados freqüentemente. Ouvimos relatos de “surras fortes”, “apanho até sangrar”, “me batem por tudo” etc.. Nenhum deles relatou haver diálogo por parte dos seus responsáveis quando eles erram. As respostas, de ambos os grupos, foram imediatas e expressivas. Nossa equipe realmente detectou a veracidade nas falas dos sujeitos, o que foi muito enriquecedor.

Dentre as 12 crianças pesquisadas, do grupo FA, encontramos apenas 1 que vende picolé nas horas vagas e o que ganha é para uso próprio, não tem obrigação de entregar aos pais. Esta criança relatou que, com esse dinheiro compra merenda, brinquedo, vai ao circo ou ao parque etc..

No grupo dos DA, 50% deles trabalham e, em alguns casos, até no horário de aula.



Alguns trabalham na feira-livre do município, que acontece na segunda-feira (dia letivo) e, todas as semanas, perdem aula nesse dia. Se somadas todas as faltas, essa criança perde 20% das aulas dadas em um ano, correspondendo a uma média de 40 dias letivos, que se somam aos demais dias que ela perde por outros motivos.

Ainda entre os tipos de trabalho executados por esses alunos, há o trabalho braçal, nas roças de alguns agropecuaristas da região.



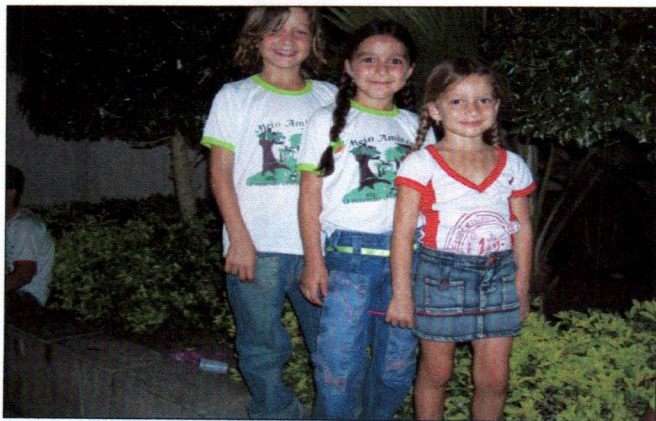
Essas crianças acompanham os pais, que pegam “empreitas” e convocam os filhos para ajudá-los. Quando o serviço é em determinados períodos do ano, como por exemplo, o plantio e a colheita, esses alunos-trabalhadores, que fazem o papel de bóias-frias mirins, perdem dias seguidos de aula, chegando até a alcançar uma semana ou uma quinzena.

Mesmo os programas do governo Federal atendendo o nosso município e muitas dessas crianças são alcançadas por eles, como por exemplo o PETI, o bolsa escola e o bolsa família, e todos esses benefícios estão vinculados à frequência escolar, nossas crianças continuam exercendo trabalhos impróprios para a idade e compatíveis com o turno dos estudos. Às vezes o horário não choca com o período em que elas estão em sala de aula mas o labor deixa-as cansadas e sem disposição para estudar. Quase todos os alunos que trabalham chegam com as tarefas de casa sem realizar.

Vale salientar que os vencimentos conquistados com o esforço dessas crianças, não são para o uso das mesmas. Todas elas confessaram que entregam integralmente (quando esse repasse não é direto) aos responsáveis para que compre “cumida”.

Esta cidade tem um grande número de igrejas e, conseqüentemente, a escola pesquisada tem, entre seus alunos, uma boa quantidade de adeptos às diversas religiões existentes. Elas vêm somar e contribuem em muito com a educação dessas crianças, tanto no aspecto social como também no formal e todas são muito bem-vindas e respeitadas dentro da escola. Além dos grupos religiosos (que incentivam a leitura e

alguns hábitos sociais), temos também outras instituições formadoras, que diferem apenas em seus objetivos principais, e a comunidade escolar (principalmente direção, coordenadores e professores) reconhecem a importância desses grupos.



Das famílias dos FA, apenas uma não é envolvida em algum tipo de instituição mas a criança é. As demais ou têm todos os membros participantes de alguma entidade, seja ela religiosa, atlética, sindical etc., ou têm boa parte deles. E entre as crianças desse grupo, apenas uma não é envolvida em nenhuma outra instituição, mesmo sua família sendo. As outras 11 participam de grupos de catequese, cantam em igrejas, fazem parte de outros grupos religiosos etc..

Já no grupo dos alunos com dificuldade de aprendizagem, apenas uma criança frequenta a igreja esporadicamente e quatro responsáveis declararam que frequentam as reuniões do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, pelo qual alguns deles já se aposentaram e os demais almejam conseguir aposentadoria.

Quanto ao lazer, é importante, faz parte da higiene mental e, por sua vez, contribui com o preparo para a aquisição de competências pois alegre, distrai as pessoas, une as famílias, os amigos, chegando até a prevenir contra algumas doenças. O momento de lazer também pode oferecer informação, aprendizagem e conhecimento e, sabendo da sua importância, o incluímos como um dos itens a ser pesquisado com os grupos FA e DA e pudemos detectar que no grupo DA, por unanimidade, não se pratica tarefas com o objetivo de recrear. Ao serem questionados sobre quais os hábitos que eles têm para se divertir, os que não responderam de imediato "nada", pensaram por alguns minutos e também não encontraram o que responder. Os mais

otimistas citaram visitas nas casas de parentes que moram a alguns metros de suas residências como a maior atividade recreativa da família. Não que esta seja prazerosa, mas pela ausência de outras. Percebemos também que nem as atividades mais simples, que não são dispendiosas e por sua vez poderiam ser praticadas, como jogos em família, idas às praças da cidade etc. não são citadas.

Todos os familiares do grupo FA citaram atividades de lazer praticadas por eles. Essas atividades variaram entre as mais simples como almoço com familiares, churrascos, passeios em sítios, banhos de rio etc. até algumas mais ousadas (para nossa realidade interiorana) como dias na praia, mesmo que seja uma vez no ano, passeios em grandes centros com grupos religiosos etc..



Alguns outros itens foram sondados, o que serviu de complemento para os que estão expostos e, em suma nossa pesquisa de campo foi realizada com sucesso, fornecendo-nos detalhes relevantes para afirmação das nossas hipóteses e concretização do nosso trabalho pois, além das perguntas que elaboramos para alcançar nossos objetivos, também foi de grande valia o contato com o objeto da pesquisa, as conversas informais (que de nossa parte eram totalmente intencionais), os prolongamentos nas respostas e também, por que não, o silêncio.

Todos os detalhes nos forneceram uma gama de indícios norteadores para alcançarmos nossas conclusões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal estudo se propôs a investigar se a família contribui de forma positiva ou negativa para a aquisição da aprendizagem, por parte dos seus membros, e para isso se fundamentou, teoricamente, em autores como Jean Piaget, Vigotsky, Paulo Freire, Maria Luiza Munhoz, entre outros e também foi à campo, buscar no seio familiar indícios que pudessem comprovar ou não as hipóteses levantadas a partir de tal problemática. Nossos objetivos foram cumpridos pois conseguimos levantar uma gama de itens que causa um grande diferencial entre as famílias dos alunos com dificuldade de aprendizagem e dos alunos com facilidade de aprendizagem e, após analisarmos todos os aspectos levantados, pudemos concluir que a família tem sim influenciado de forma positiva, em alguns casos e de forma negativa em outros, para a aquisição da aprendizagem dos seus entes pois, ficou constatado que o bom rendimento está vinculado a muitos fatores como: formação familiar, escolaridade dos pais, investimento feito na educação da criança, renda familiar, lazer, participação em outras instituições, violência doméstica, hábito de ler etc.

Na mesma intensidade que tais itens contribuem de forma positiva, também contribuem de forma negativa com o rendimento escolar, e como a nossa escola é formada por uma boa parte de crianças oriundas de famílias com baixo poder aquisitivo e também desprovida de boa formação escolar e demais fatores pesquisados, acreditamos que este estudo possa favorecer aos professores da área de educação, e de demais escolas com realidade semelhante à nossa, no sentido que tais educadores possam olhar para seus alunos com um olhar diferenciado, compreendendo que a falta de aprendizagem não tem um único fator e, às vezes, independe do desejo e do empenho do educando. É imprescindível que todas as pessoas envolvidas com a educação busquem conhecer a realidade em que estão inseridas e atentem também para os vários fatores que rodeiam cada aluno, conscientes que o meio exerce sim um certo tipo de influência, mas que também tal influência pode ser amenizada, e até superada, a depender do empenho, das metodologias adotadas e da política pedagógica escolhida para cada escola, cada classe e até para cada aluno. O papel da

escola é justamente o de trabalhar com realidades diferentes e fornecer oportunidades iguais e, para que isso aconteça é de total relevância o reconhecimento que há influências externas sobre a aprendizagem dos alunos nas escolas em Várzea da Roça.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA**, A.M. de. Pensando a Família no Brasil. Da Colônia à Modernidade. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, UFRJ, 1987.
- ALVES**, Rubem. Casas que emburrecem. <http://intervox.nce.ufrj.br/~jobis/r-burr.html>
- AQUINO**, Júlio Groppa. A Indisciplina e a Escola Atual. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-25551998000200011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-25551998000200011&script=sci_arttext)
- BOCK**, Ana Maria. ETALL. Psicologias – Uma Introdução ao Estudo de Psicologia. editora Saraiva, 1999, São Paulo, 1999.
- BRASIL**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069, de julho de 1990
- \_\_\_\_\_ Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9424, de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_ Plano Nacional de Educação. Brasília, MEC, 2001.
- \_\_\_\_\_ Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial: livro 1. Brasília, MEC/SEESP, 1994.
- COLL**, Cesar. ETALL. Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva. V. 01, p.18, editora Artes Medicas, 1995, Porto Alegre, 1995.
- COOL**, César e **VALLS**, Enric. Os Conteúdos na reforma. São Paulo: Artes Médicas, 2000. (Pp 153 a177)
- DEMO**, Pedro. Desafios Modernos da Educação. Petrópolis: vozes, 1993.
- FREIRE**, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – Paz e terra, São Paulo 1966.
- GENTILI**, Pablo e **ALENCAR**, Chico. Educar na Esperança em Tempos de Desencantos. 3ª edição. Petrópolis, 2003.
- GENTILE**, Pablo. Neoliberalismo e Educação. Disponível em <http://firgoa.usc.es/drupal/node/3036> acesso em: 05/08/2007.
- GOKHALE**, S.D. A Família Desaparecerá? In Revista Debates Sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

- KALOUSTIAN, S.M.** (org.) Família Brasileira, a Base de Tudo. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.
- MACEDO, Roberto Sidnei.** A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação. Salvador Edufba, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza** (org). Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 1993.
- MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi** (org). Questões Familiares em Temas de Psicologia. V. 07 Editora Memnon, São Paulo 2003.
- NÉRICI, Imídeo G.** Introdução à orientação educacional.. Atlas S.A. São Paulo SP 1978.
- ORSI, Maria Julia Junqueira Scicchitano e Yaegashi, Solange Franci Raimundo.** Família Contemporânea: Reflexões e Repercussões na Educação e na Aprendizagem Escolar. Disponível em: [http://www.ppe.uem.br/publicacao/sem\\_ppe\\_2003/Trabalhos%20Completos/pdf/038.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacao/sem_ppe_2003/Trabalhos%20Completos/pdf/038.pdf)
- PEREIRA, P.A.** Desafios Contemporâneos para a Sociedade e a Família. In Revista Serviço Social e Sociedade. Nº 48, Ano XVI. São Paulo, Cortez, 1995.
- PINTO, Álvaro Vieira** – Sete Lições sobre Educação de Adultos. Coleção Educação Contemporânea. 4ª Edição. Cortez Editora, São Paulo: 1998.
- PRADO, Danda.** O que é família.. 1ª edição, Brasiliense. São Paulo 1981.
- RABELLO, Edimar Henrique** APUD Vigotsky. Avaliação: Novos Tempos, Novas Práticas. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998.
- REGO, Teresa Cristina.** Vygotsky: Uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação. 2ª ed. Petrópolis (RJ): vozes 1995.
- REVISTA de Educação.** De que escola estamos falando? CEAP – ano X – n º 36 – Salvador, mar/mai - 2002.
- SPOCK, Benjamin.** Educando filhos para os novos tempos. 4ª edição, Best Seller. São Paulo SP. 1988.
- TEIXEIRA, Anísio.** Educação no Brasil. V 132. Companhia Editora Nacional. São Paulo 1976.
- TORRES, Rosa Maria** (org.). Educação Popular: Um encontro com Paulo Freire. Coleção Educação Popular nº 9. Edição Loyola. São Paulo 1987.
- WEIL, Pierre.** A criança, o lar e a escola. 13ª edição, vozes. Petrópolis RJ 1988.

**ZACARIAS**, Vera Lúcia Camara. Vygotsky e a educação (centro de referência educacional consultoria e assessoria em educação) Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html> em 09/09/2007.

\_\_\_\_\_. Piaget (Centro de Referência Educacional Consultoria e Acessória em Educação) Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/piaget.html> em 09/09/2007.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE ABREVIATURAS	
INTRODUÇÃO .....	12
CAPITULO I	
Fundamentos Teóricos .....	15
Metodologia .....	24
CAPITULO II	
Histórico da escola pesquisada .....	30
A família .....	31
A escola .....	33
Indisciplina .....	42
Conteúdo .....	44
CAPÍTULO III	
Análise dos Dados .....	48
Considerações finais .....	58
Referências .....	60
Anexos.....	63

**ANEXOS**

Escola Odilon Sena Cerqueira

Professor

(a): \_\_\_\_\_

Série \_\_\_\_\_ Turno \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Formulário para Monografia com o tema **“A influência da família para a aprendizagem de conteúdo”**.

1- Sua classe tem uma aprendizagem homogênea?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2- Cite três crianças com maior facilidade de aprendizagem

**Criança 1:**

Nome: \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

**Criança 2:**

Nome: \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_



**Criança 1:**

Nome: \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

**Criança 2:**

Nome: \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

**Criança 3:**

Nome: \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

7- Descreva o relacionamento das famílias destas crianças com a escola.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8- As três crianças citadas costumam realizar as atividades propostas para casa?

---

---

---

---

---

---

9- Relate o relacionamento afetivo dessas crianças em sala de aula.

---

---

---

---

---

---

Equipe de Monografia:

Cleoneide Oliveira Lima  
Dirlei Almeida de Oliveira  
Margarida Oliveira da Cunha da Silva  
Valdirene Rodrigues da Silva

Entrevista realizada com alunos da escola Odilon Sena Cerqueira

Professor(a): \_\_\_\_\_

Aluno(a): \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

Formulário para monografia com o tema "*A influência da família para a aprendizagem de conteúdo*". Cidade Várzea da Roça, Equipe: Cleoneide, Dirlei, Margarida e Valdirene Rodrigues

1- Quais são as pessoas que moram nesta casa?(nome e parentesco com a criança).

---

---

---

---

---

2- Os pais são separados?

( ) sim ( ) não

3- Em casa, quem é responsável pela educação da criança?

---

---

4- Quem é responsável pelo sustento da casa?

---

---

5- A mãe (se residir na casa), trabalha fora do lar?

---

---

6- Qual o grau de escolaridade:

6.1 - Pai ( ) analfabeto ( ) apenas alfabetizado ( ) fundamental menor incompleto

( ) fundamental completo ( ) ensino médio ( ) ensino superior

6.2 - Mãe ( ) analfabeta ( ) apenas alfabetizada ( ) fundamental menor incompleto.

( ) fundamental completo ( ) ensino médio ( ) ensino superior

6.3 - Se o responsável pela criança for outro. -----

analfabeto     apenas alfabetizado     fundamental menor incompleto

fundamental completo     ensino médio     ensino superior

7- Todos os irmãos (se houver) estudam? Quais as idades e as séries?

---

---

---

---

8- Alguém da casa costuma contar histórias para a criança? Que tipo de histórias?

nunca     às vezes     sempre

---

---

9- Quem orienta as crianças nos deveres de casa?

---

---

---

10- Quando o responsável vai à escola?

Só quando há reuniões     Quando o aluno só entra acompanhado pelo responsável

Sempre

11- Qual o objetivo da visita à escola?

---

---

---

12- O que o responsável mais ouve por parte do professor?

elogios

reclamações

13- Quanto tempo, em média, a criança gasta em casa com as atividades escolares?

nada     menos de três horas     de meia a uma hora     mais de uma hora

14- Em relação à escolaridade, espera-se que a criança alcance que grau?

---

---

15- Mensalmente, quanto é gasto com a educação da criança, em média?

---

---

---

16- A renda familiar é de:

- menos de um salário mínimo     um salário mínimo  
 de um a dois salários mínimo     mais de dois salários mínimo

17- Alguém na casa fuma? Quem?

---

---

18- Alguém na casa é dependente de álcool? Quem?

---

---

19- Se há caso de embriagues, a criança presencia ou já presenciou?

---

---

---

20- A criança tem (ou já teve) algum problema de saúde agravante? Qual?

---

---

21- Se há problema de saúde, como foi ou está sendo feito o tratamento?

---

---

---

22- A criança é presenteada? Por quem? Em quais datas?

---

---

---

23- Que tipo de presente ela costuma ganhar?

---

---

24- Há livros em casa? Que tipo de livros? Aproximadamente quantos?

---

---

25- Quem na casa tem hábito de ler?

---

---

26- A gravidez foi desejada?

---

---

---

27- Se a criança cometer um ato de rebeldia, ela é corrigida? De que forma?

---

---

---

---

28- Esta criança contribui com a renda familiar? De que forma? Em que horário ela faz isso?

---

---

---

---

---

29- Alguém da família pertence a alguma instituição social? Quem? Qual?

---

---

---

30- A criança frequenta alguma outra instituição ? Qual?

---

---

---

31- Quais as atividades de lazer da família?

---

---

---

Estes dados foram fornecidos pelo responsável \_\_\_\_\_